

Recontando a História

ÁLVARO CARDOSO GOMES

A Nova Terra –
A chegada dos portugueses ao Brasil

Leitor crítico – 6º a 9º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: João Priolli
Coordenação: Maria José Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▷ do mesmo autor;
- ▷ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▷ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

ÁLVARO CARDOSO GOMES

A Nova Terra – A chegada dos portugueses ao Brasil

Leitor crítico – 6º a 9º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Álvaro Cardoso Gomes nasceu em Batatais, interior de São Paulo, em 1944. Mas foi em Americana, ainda no interior de São Paulo, onde concluiu o curso secundário, que desenvolveu o gosto pela leitura e pela escrita. Essa cidade marcou-o a tal ponto que se tornou o cenário preferido da maioria de seus livros. Em 1964, veio para São Paulo e trabalhou durante algum tempo como bancário para poder pagar os estudos. Formou-se em Português no curso de Letras da Universidade de São Paulo e logo iniciou sua vida profissional como professor. Atuou ainda

como resenhista da revista *Visão* (de 1985 a 1989), e como professor de Literatura Brasileira na University of California, Berkeley, no ano de 1983. Atualmente é coordenador do mestrado interdisciplinar da Universidade de Santo Amaro. Tem mais de 60 títulos entre estudos acadêmicos, livros para o público adulto e literatura infanto-juvenil. Em seu trabalho como escritor e crítico literário, destacam-se as obras *A hora do Amor*, *Para tão longo amor*, *O poeta que fingia* e *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, os dois últimos contemplados com o prêmio Jabuti. Álvaro Cardoso Gomes é o coordenador da série Recontando a História.

RESENHA

A Nova Terra – A chegada dos portugueses ao Brasil é um romance cheio de aventuras e suspense que se desenrola a bordo das caravelas que chegaram ao Brasil. O livro narra a história de Manuel José, jovem órfão muito destemido que deixa Portugal atrás de fortuna e de uma vida melhor. Como clandestino na frota do Capitão Mor Pedro Álvares Cabral, Manuel José vive uma séria de aventuras entre marinheiros, pilotos, mestres de navegação e os nativos da nova terra.

Além da trama envolvente, a obra permite que os leitores se aproximem do cotidiano dos navegantes e exploradores do século XVI, entendendo como funcionavam as naus e caravelas e podendo sentir um pouco dos sonhos e medos dos seus tripulantes. A narrativa ágil e contagiante permite compreender detalhes dos grandes avanços técnicos que permitiram aos portugueses iniciarem a navegação oceânica e a colonização de novas terras. Política, economia e o choque entre diferentes culturas – temas complexos trabalhados em sala de aula – surgem como pano de fundo dessa aventura.

Desde o cais do Restelo, às margens do Rio Tejo, até as aldeias dos nativos Pataxós em Porto Seguro, a narrativa de Álvaro Cardoso Gomes traz uma rica mistura de personagens fictícios e figuras importantes da época dos descobrimentos portugueses. O rei português Dom Manuel Primeiro, o Venturoso, responsável por financiar e chefiar as navegações, Vasco da Gama, herói cantado em prosa e verso por Camões, famoso pelo descobrimento do caminho das Índias e o conhecido escrivão Pero Vaz de Caminha são alguns personagens dessa trama que nos transporta para os primeiros encontros entre nativos americanos e os exploradores europeus.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela histórica.

Palavras-chave: Grandes Navegações, colonização.

Áreas envolvidas: História, Língua Portuguesa.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

Público-alvo: Leitor crítico (6º a 9º anos do Ensino Fundamental).

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

1. Com auxílio de mapas, contextualize os alunos a respeito do que foram as grandes navegações, o périplo africano e a rota da seda. Para esse trabalho, por exemplo, você pode usar o mapa disponível no verbete “Pedro Álvares Cabral” na Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_%C3%81lvares_Cabral#/media/File:Cabral_voyage_1500_PT.png

2. Divida a turma em grupos e proponha uma pesquisa, na biblioteca escolar ou na sala de informática, sobre as diferentes viagens e as rotas usadas pelos exploradores europeus dos séculos XV e XVI. Apresente a cada grupo o nome de um navegante ou explorador famoso (Vasco da Gama, Gil Eanes, Marco Polo, Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio, Fernão de Magalhães, Pedro Álvares Cabral, Alvar Nunes Cabeça da Vaca) como tema de pesquisa, propondo a elaboração de:

- uma breve biografia desse personagem;
- o caminho que percorreu e que o tornou famoso.

3. Ao retomar as pesquisas em classe, discuta com os alunos por que alguns desses nomes ficaram muito famosos e seus protagonistas são considerados grandes heróis. Onde podemos encontrar imagens desses navegadores?

4. Peça à turma que faça um levantamento dos objetos que imaginam que seriam necessários para uma viagem a bordo das naus e caravelas.

5. Convide a turma a elaborar um desenho para representar como imaginam que viviam as populações indígenas antes da chegada dos europeus.

b) durante a leitura

1. Essa história começa no Restelo, região portuária de Lisboa às margens do Rio Tejo. Informe à turma que o protagonista – Manuel José – vivia de pequenos serviços e mesmo de pequenos furtos. Explique as condições de vida dos trabalhadores e da população pobre de Portugal, destacando que, mesmo com os diversos perigos das viagens, a carreira a bordo dos navios representava uma oportunidade para muitos desses homens.

2. Em diversos momentos da trama, o autor emprega vocabulário próprio do campo náutico, citando o nome de instrumentos de orientação usados nas navegações. Organize um mural com imagens e pequenas descrições de instrumentos, como a bússola, o astrolábio e sextante, assim como dos conhecimentos astronômicos da época essenciais para o sucesso das navegações. Aponte como as caravelas e os conhecimentos náuticos, mapas e rotas de navegação, faziam dos portugueses, italianos e espanhóis, os povos mais avançados da Europa nos séculos XV e XVI.

3. Manuel José é um clandestino na nau capitânia, mas conseguiu conquistar proteção e amizade do escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha. O escrivão conseguiu-lhe um posto de trabalho como ajudante do despenseiro do navio. Convide-os a prestar atenção em como a alimentação era importante para o comércio do final da Idade Média e Renascimento. Desde a busca e a valorização das especiarias como mercadoria de luxo, passando pela fome e doenças nas viagens, até sobre as feitorias e pontos de parada para abastecimento que eram necessários em grandes viagens como essa. Peça aos alunos que registrem quais eram as especiarias típicas das Índias, presentes ainda hoje em nossa culinária (pimentas, cravo, canela, *curry*, açafrão). Posteriormente, é possível realizar uma breve pesquisa sobre o assunto.

4. Peça aos alunos que façam um levantamento dos diferentes trabalhos necessários dentro das naus e caravelas. Verifique se conseguem perceber a hierarquia existente entre trabalhos manuais e os trabalhos especializados como o dos pilotos, mestres e contramestres. Será que se surpreenderão com a ausência de mulheres e com a presença de religiosos a bordo?

5. Sugira que prestem atenção ao episódio em que é narrada a chegada da frota de Cabral às terras desconhecidas. Há enorme rebuliço entre a tripulação e não podia ser diferente a sensação do protagonista, Manuel José. Explore um pouco o imaginário dos navegantes e da população europeia sobre o Novo Mundo. Explique para a turma como a descoberta da América e do caminho para as Índias desfez antigos mitos e

criou novas narrativas fantásticas. Pode-se usar exemplos como o mito da cidade perdida de El Dorado ou das guerreiras Amazonas.

6. Peça aos alunos que prestem atenção ao modo como é narrado o encontro entre os navegadores portugueses e os nativos. Que impressões esse encontro causou nos navegantes?

c) depois da leitura

1. Proponha à turma que faça uma pesquisa por meio de entrevistas com familiares e conhecidos sobre os povos indígenas brasileiros. Use perguntas como: Onde vivem os índios do Brasil hoje? Quais são as diferenças entre os índios de hoje em dia e os da época da chegada dos portugueses? O que define o que é ser ou não um índio?

2. Em um dos capítulos finais do livro, narra-se a escrita da carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão oficial da frota, dando contas ao rei das descobertas feitas na nova terra. Aproveitando trechos da carta, questione a turma sobre as intenções do escrivão ao descrever os costumes dos nativos em face dos interesses dos colonizadores:

Muitos deles ou quase a maior parte dos que andavam ali traziam aqueles bicos de osso nos beiços. E alguns, que andavam sem eles, tinham beiços furados e nos buracos uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha; outros traziam três daqueles bicos, a saber, um no meio e os dois nos cabos. Aí andavam outros, quartejados de cores, a saber, metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, a modos de azulada; e outros quartejados de escaques. Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e limpinhas de cabeleira que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro

e *Minho*, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, e parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quanto mais disposição para se nela cumprir e fazer o que vossa alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de Vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.

3. Sugira aos alunos que descrevam a chegada de Cabral por meio de uma linguagem bastante atual, como mensagens curtas de uma rede social (Twitter, Snapchat ou WhatsApp). Como seria essa conversa entre o escrivão Pero Vaz de Caminha e o Rei Dom Manuel I se pudessem usar os celulares, tablets e máquinas fotográficas de hoje em dia? Aproveite para sugerir que os alunos façam desenhos para representar as possíveis fotos na atividade.

4. Problematize a crença de um encontro pacífico entre as populações nativas e os colonizadores, distinguindo as noções de descoberta, encontro e conquista. Sugira aos alunos que descrevam, em formato de carta, como os indígenas veriam o outro lado desse desembarque histórico.

5. Trabalhando com imagens e textos tradicionais, procure expor como o encontro entre os

explorados e nativos americanos foi alimentando-se de visões idealizadas. Alguns exemplos interessantes são o poema épico *Caramuru*, escrito pelo Frei Santa Rita Durão em 1781. Outra abordagem interessante é a iconografia do Romantismo e da pintura histórica de fins do século XIX. O quadro *Moema*, de Vitor Meirelles, pertencente ao acervo do Masp pode ser um exemplo desta idealização do indígena a ser debatida com os alunos (http://masp.art.br/masp2010/acervo_detalleobra.php?id=357).

DICAS DE LEITURA

Do mesmo autor

Para tão longo amor. São Paulo: Moderna.

A grande decisão. São Paulo: FTD.

No alto da serra. São Paulo: Ática.

A prima de um amigo meu. São Paulo: Ática.

Da mesma série

Da cor da esperança – A libertação dos escravos, de Márcia Abreu. São Paulo: Moderna.

Um grito de liberdade – A Saga de Zumbi dos Palmares, de Álvaro Cardoso Gomes e Rafael Lopes de Sousa. São Paulo: Moderna.

Abre as asas sobre nós – A Inconfidência Mineira, de Milton M. Azevedo. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

As batalhas do castelo, de Domingos Pellegrini. São Paulo: Moderna.

As aventuras de Hans Staden, de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Globo.

Fragosas brenhas do mataréu, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática.

Vango – Entre o céu e a terra, de Timothee de Fombelle – São Paulo: Melhoramentos.